

RELAÇÕES SEXUAIS ENTRE PESSOAS DE MESMO SEXO NAS PINTURAS RUPESTRES NO PARQUE NACIONAL SERRA DA CAPIVARA – PI

Michel Justamandⁱ

Gabriel Frechiani de Oliveiraⁱⁱ

Antoniél Gomes Filhoⁱⁱⁱ

Vanessa da Silva Belarmino^{iv}

Resumo: O texto objetiva demonstrar a presença de cenas rupestres representando relações de pessoas com o mesmo sexo no Parque Nacional Serra da Capivara no Estado do Piauí. No parque são encontrados alguns recortes temáticos recorrentes nas artes rupestres, tais como, as cenas de caça e coleta, rituais e violência. Há cenas da sexualidade humana e suas práticas sexuais e, também, no caso, mas específico, os das relações sexuais entre pessoas com o mesmo sexo. Em trabalhos de campo, observou-se de modo mais detalhado essa temática rupestre, com recorrências, sendo necessário a ampliação dos debates e interpretações. Entre os resultados obtidos, destaca-se que os grupos ancestrais ocupantes das terras brasileiras representavam relações sexuais entre pessoas com o mesmo sexo, o que nos dá indícios para afirmação que as relações entre pessoas do mesmo sexo já são praticadas desde os mais remotos tempos, de modo livre, sem os mitos e tabus da contemporaneidade. **Palavras-Chaves:** Relações sexuais; Parque Nacional Serra da Capivara.

Abstract: This paper aims to demonstrate the presence of rupestrian scenes representing relationships of same sex people in the Serra da Capivara National Park in the State of Piauí. In the park are some recurrent themed cuts in the rock art, such as scenes of hunting and gathering, rituals, violence. There are scenes of human sexuality and its sexual practices, and also in the case, but specific, of sexual relations between people of the same sex. In field work, this cave theme was observed in a more detailed way, with a great deal of recurrence, and the debates and interpretations surrounding such scenes were necessary. Among the results obtained, it is worth noting that the ancestral groups occupying the Brazilian lands represented sex relations between people of the same sex, which gives us indications for affirming that same-sex relationships are already practiced from the remotest free time, without the myths and taboos of contemporaneity. **Keywords:** Sexual intercourse; Serra da Capivara National Park.

ⁱDocente da Universidade Federal do Amazonas – UFAM, lotado no Instituto de Natureza e Cultura – INC. micheljustamand@yahoo.com.br

ⁱⁱDocente da Secretaria de Educação do Piauí – SEDUC/PI, em Teresina. gfrechiani@hotmail.com

ⁱⁱⁱDocente da Fac. Vale do Salgado – FVS. antoniél.historiacomparada@gmail.com

^{iv}Graduada em Arqueologia pela Universidade Federal do Vale do São Francisco - UNIVASF. vanessabela18@hotmail.com

Introdução

Apresentamos nesses escritos registros rupestres localizados no Parque Nacional Serra da Capivara (PNSC), no sudoeste do Estado do Piauí, que retratam cenas de relações sexuais entre pessoas do mesmo sexo, com a cenas realizamos uma breve análise. O parque tem sido local de pesquisas e reflexões sobre a presença humana ancestral e suas produções sociais desde os anos 70, do século XX. Tal investimento científico se iniciou com a Missão Francesa, liderada, à época, por Niède Guidon, com apoio de outros investigadores (Guidon, 1991).

Na região, foram, e continuam sendo realizados inúmeros trabalhos arqueológicos, paleontológicos, educacionais e ambientais, entre outros. O parque recebeu o reconhecimento da comunidade acadêmica graças às pesquisas arqueológicas realizadas, especialmente as artes rupestres (principalmente as pinturas). Essas pesquisas acabaram por colaborar com a elevação do PNSC à categoria de Patrimônio da Humanidade, em 1991, reconhecido pela UNESCO (Pessis, 2003).

O parque e sua circunvizinhança são ricos em vestígios arqueológicos, de todos os tipos. Foram encontradas ossadas humanas de grupos ancestrais, produções cerâmicas antiquíssimas, pinturas rupestres e pedras lascadas. Inclusive esses são os motivos da maior disputa arqueológica dos últimos anos nas Américas, porque apontam para o povoamento em *terras brasílicas* muito anterior ao que se poderia supor/imaginar em pesquisas anteriores (Etchevarne, 1999-2000; Adovasio e Page, 2011). Independentemente das polêmicas dos materiais líticos encontrados, as pinturas rupestres são os vestígios que mais saltam aos olhos de qualquer visitante/turista/pesquisador, desavisado ou não (Meltzer, Adovasio e Dillehay, 1996; Justamand, Funari e Alarcón-Jiménez, 2018).

No presente texto, usaremos os sinais deixados nas rochas, especificamente as cenas de pinturas rupestres do PNSC. Lembramos que dentro e fora do parque são encontradas outras formas de arte rupestre, como as gravuras que nós não analisaremos. A ideia de refletirmos sobre a temática das inúmeras sexualidades apresentadas nas cenas rupestres surgiu muito antes de nossa expedição científica, realizada entre os dias 25 de janeiro e 02 de fevereiro de 2018, no parque. Ali tivemos oportunidade de termos o contato com inúmeras dessas cenas. Observamos representações de caçadas, lutas, rituais religiosos, relações sociais (Justamand, 2015b) e os mais variados tipos de relações sexuais (Justamand e Funari, 2017).

Durante esses dias, visitamos 51 sítios arqueológicos com pinturas rupestres. Esses locais foram escolhidos previamente e com cuidado, visando a obtenção da experiência interpretativa. Nossa escolha objetiva reunir o maior número possível de cenas sexuais entre pessoas representadas do mesmo sexo, que são pouco usadas ou inéditas nas publicações acadêmicas.

Foi no ano anterior à ida ao parque que iniciamos a construção de um projeto de pesquisa com cenas rupestres do sexo entre pessoas do mesmo sexo. Michel Justamand e Mário Filho¹, mantiveram contato permanente, na busca de locais que pudessem contribuir para a discussão proposta. Isso se tornou necessário porque é difícil circular dentro do parque sem auxílio de alguém experiente e que conhece o local, pois devemos considerar as suas dimensões, acidentes geográficos e perigos iminentes, como animais selvagens, por exemplo.

O planejamento se torna fundamental para a pesquisa arqueológica, visto que tempo é algo precioso. Outra questão importante foi a confluência para que todos os envolvidos com a empreitada pudessem estar ali juntos, naquele mesmo período. Partimos para a investigação de campo e formamos uma equipe, que agora é a autora deste texto.

Desdobraremos nossas reflexões a princípio mostrando um pouco dessa temática ancestral em outras partes do mundo e relacionaremos às cenas do Parque Nacional Serra da Capivara – PNSC, no Piauí.

Refletindo a partir de outros locais do mundo

Em *O prazer sagrado: sexo, mito e política do corpo*, Riane Eisler nos convida a entender melhor como ocorriam as relações sexuais dos primeiros habitantes do mundo. Nos conduz à origem do sexo em nosso planeta. A guerra entre os sexos é sim evitável. Considera admirável que na arte ancestral as informações inscritas, em rochas, especialmente, tratavam de mostrar o que os grupos humanos consideravam substancial em suas vidas. Nessas artes estavam contidas uma forma de reverência desses ancestrais aos poderes criativos da natureza e a

¹Agradeço o empenho e atenção de Mario Filho condutor da Associação de Guias da Capivara, bem como a todos os funcionários da Fumdam que possibilitaram o caminhar de nossa expedição.

autora sugere que faziam isso por meio das imagens sexuais e/ou de nascimentos (Eisler, 1996).

Anne-Marie Pessis destaca em seu artigo *Arqueologia de gênero: teoria e fato arqueológico*, que a ideia de desigualdade de gênero não acontecia nas sociedades pré-históricas, uma vez que, para a sobrevivência do grupo, em especial no que tange a alimentação e defesa, era necessário que todos os indivíduos tivessem acesso a informações de sobrevivência, independente do gênero (Pessis, 2005).

Por isso, talvez, as figuras com conotações voltadas para a sexualidade tinham um papel importante. Não apenas para a reprodução da espécie humana através das práticas sexuais, mas também para a proteção nos grupos e individualmente (Gomes Filho, Colling, Justamand, Oliveria, Belarmino, Santos Filho, 2018). Pensamos que o mesmo pode ter ocorrido com as cenas rupestres existentes no PNSC (Figura 1).



Figura1: Toca do Caldeirão dos Rodrigues. Cena da Penetração com amamentação. Parque Nacional Serra da Capivara – PI. Fonte: Acervo dos autores.

A temática da sexualidade é muito recorrente em inúmeras formas de expressão artística e culturais da humanidade, desde os tempos imemoriais. Como Eisler e Pessis, Peter Stearns lembra que a arte primitiva tinha forte conteúdo sexual. Partilhamos as suas ideias de que a sexualidade do passado pode contribuir para entendermos e ou explicarmos a do presente (Stearns, 2010), haja vista a quantidade de cenas voltadas às práticas sexuais encontradas no parque piauiense (Justamand; Colling; Gomes Filho; Belarmino; Santos Filho e Oliveira, 2017) (Figuras 2 e 3).



Figura 2: Toca do Baixão do Perna IV. Cena do sexo grupal. Parque Nacional Serra da Capivara – PI. Fonte: Acervo dos autores.



Figura 3: Toca do Pinga do Boi I. Cena da representação da penetração de, supostamente, um homem com duas mulheres. Parque Nacional Serra da Capivara – PI. Fonte: Acervo dos autores.

Nossos ancestrais espalhados por todos os continentes do mundo deixaram suas marcas, conhecidos como vestígios arqueológicos. Tais vestígios mostram o entendimento das múltiplas formas de relacionamentos sexuais possíveis. Como a penetração anal masculina, verificada em uma cerâmica peruana, datada de 600 anos depois da era cristã (Taylor, 1997). Encontramos algumas cenas similares entre as do parque localizado no Piauí. (Figura 4).

Encontram-se vestígios da temática sexual, na Austrália, na Nova Caledônia e na Itália (Dubal, 2017) e na Rússia (Mykhailova, 2017). Parece-nos que era condição *sine qua non* da nossa espécie, desde milhões de anos atrás, publicar, deixando marcas nas rochas para a eternidade, suas reflexões, ideias e práticas sobre a sexualidade.



Figura 4: Toca Boqueirão da Pedra Furada. Cena da penetração/relação sexual entre dois antropomorfos, provavelmente, representações de dois homens. Parque Nacional Serra da Capivara – PI. Fonte: Acervo dos autores.

Chegando mais próximo geograficamente do parque brasileiro, lembramos de um trabalho de Claudio Blanc. Em seus escritos sobre a história ancestral da sexualidade, descreve uma representação rupestre de um ato sexual entre um antropomorfo e um zoomorfo (Blanc, 2010). Esse desenho rupestre de zoofilia encontramos similares no PNSC (Figura 5).



Figura 5: Toca do Caldeirão dos Rodrigues. Cena da representação de dois homens com um animal, com a, possível, penetração de um animal por um desenho de homem, e a penetração, aparentemente, de duas figuras de sexo masculino. Mostra ainda que uma representação masculina segura o falo de outra. Parque Nacional Serra da Capivara – PI. Fonte: Acervo dos autores.

Entre os grupos caçadores e coletores, havia a exogamia, ou seja, eles copulavam com pessoas de fora do seu grupo. Ocorriam festas e encontros periódicos entre eles (Lins, 2012). Esses eventos proporcionavam uma série de situações, tais como as ampliações das redes políticas, econômicas, sociais, mas também as sexuais. Representações de muitos antropomorfos juntos

e, possivelmente, “comemorando” algo (Justamand, 2010) são encontradas no PNSC (Figura 06).



Figura 6: Toca da Vereda do Juvenal. Cena da penetração com animais e outras pessoas perto. Parque Nacional Serra da Capivara – PI. Fonte: Acervo dos autores.

No mundo ancestral indo-europeu-asiático, muitas representações de mulheres foram esculpidas de marfim ou de pedra. Essas esculturas se espalharam por toda essa região. Tais representações destacavam traços sexuais da mulher. Há também estatuetas que não tem a configuração clara da sexualidade, deixando a impressão de serem o que hoje nomearíamos como andróginas (Adovasio, Soffer e Page, 2009). Os artesãos ancestrais investiam suas qualidades técnicas para produzir essas imagens, tinham seus propósitos, obviamente, tanto na criação das representações de mulheres, quanto nas representações de androginia (Figura 7).



Figura 7: Toca dos Canoas da Serra Vermelha. Cena do Sexo com pessoas do mesmo sexo, provavelmente, representações de duas mulheres. Parque Nacional Serra da Capivara – PI. Fonte: Acervo dos autores.

Sobre as produções de pinturas, estatuetas e esculturas, de modo geral, no antigo Egito, por exemplo, suas características de representatividade das mulheres aparecem com sinuosas curvas, demarcando as dimensões de suas nádegas e cinturas com seus seios bem desenvolvidos (Domínguez-Rodrigo, 2011).

Timothy Taylor aponta que as artes rupestres contribuíam para a ampliação da compreensão, reconhecimento e discussão sobre como eram as relações entre as pessoas naquele período histórico. Indica que as representações de vulvas pintadas nas rochas, datadas de mais de 12 mil anos atrás, especialmente nas cavernas europeias, poderiam ter conotações eróticas e ou rituais. Indica a existência de bastões “fállicos”, alguns com representações nítidas de pênis, às vezes mais de um no mesmo objeto. Eram feitos de marfim, em sua maioria. Já a função desses objetos poderia ser de consolo, inserção vaginal, oral, anal, entre outras (Taylor, 1997). As inscrições no parque brasileiro apresentam tais conotações sexuais em seus desenhos nas rochas (Figura 8).



Figura 8: Toca do Sítio do Meio. Cena de falos eretos e de homens com seus falos um de frente para o outro. Parque Nacional Serra da Capivara – PI. Fonte: Acervo dos autores.

Baseados nos vestígios deixados por humanos pretéritos, imaginamos que outras relações sociais/sexuais eram possíveis, diferente do que muitas pessoas pensam. Mas, afinal de contas, o que se idealiza sobre os costumes ancestrais? Se concebe que os nossos parentes mais antigos tinham práticas sexuais que poderiam ser consideradas hoje como conservadoras, ou seja, eles deveriam ter mantido relações somente entre pares de sexos/gêneros diferentes.

O que emana do Parque...

Tendo em vista que no PNSC se encontram catalogados/registrados 946 sítios arqueológicos com pinturas rupestres. Esses locais, a nosso ver, abrangem muito mais do que a catalogação e marcação de tamanho e cores dessas imagens, pensamos que nelas estão contidas histórias a serem reveladas. Histórias que tem importância para se refletir o hoje (Guidon, 2014a, 2014b), inclusive no que tange os processos de escolarização (Gomes Filho e Justamand, 2018).

Gabriela Martin, uma das pesquisadoras mais antigas da Fumdam, que tem acompanhado os trabalhos desde os anos 70, do século passado, já abordou a temática do amor. Publicou um dos primeiros trabalhos sobre as pinturas rupestres do parque tratando de amor, violência e solidariedade (Martin, 1984).

As pinturas rupestres do PNSC seriam referências no entendimento da sequência de ocupação humana no Nordeste naquela época. Esses humanos deixaram marcas, um tanto decifráveis, nas rochas. Algumas compõem cenas representativas das ações humanas. Encontramos nas rochas figuras com cabeças ornadas, lutas sociais e grupais. E muitas vezes, aparecem o sexo, o gênero indicado pelo pênis, para as representações de “homens”, tanto ereto quanto em descanso e o círculo abaixo das pernas para indicar as vulvas, demarcação, em alguns casos, das representações das “mulheres²” (Prous, 2006; Pessis, 2003).

A temática da sexualidade se tornou alvo de debates, mesmo que de forma branda, em poucos manuais e artigos, apesar de sua presença significativa nas inscrições do PNSC. No livro *Comunicar e Educar no território brasileiro: uma relação milenar* foi tratada a questão, especialmente, comparando com as imagens de outras partes do país (Justamand, 2012).

A investigação sobre a mesma temática teve outros desdobramentos publicados em revistas ou livros. Um deles foi *O Brasil desconhecido: as pinturas rupestres de São Raimundo Nonato – Piauí*, onde se expôs os gestuais rupestres com cenas de pedofilia, penetração, excitação masculina coletiva e sexo grupal. Outro desdobramento ocorreu com a publicação da temática relacionada aos falos eretos e em grupos (Justamand, 2010; 2011; 2019).

²As aspas “homens” e “mulheres” servem para indicar que as formas representam as genitálias, não necessariamente refletem os gêneros, ou suas orientações sexuais e ainda o sexo biológico. Porque não sabemos ao certo o que pretendiam mostrar.

Outros temas que se desdobraram e que ganharam certa visibilidade são as presenças de falos, vulvas e sexo com mulheres grávidas (Justamand, 2018). Esses se tornam alvo de investimentos em pesquisas entre os anos de 2013 e 2015. Tais investimentos foram transformados em novas publicações (Justamand, 2014a, 2014b, 2015a; Justamand e Funari, 2014, 2016, 2017; Justamand, Funari e Alarcón-Jimenez, 2016).

Pessis e Martin publicaram novas reflexões e incluíram entre essas ideias a discussão sobre a importância das artes rupestres para a história da arte brasileira. E em seus escritos atuais, lembram que muitas pinturas rupestres representam o movimento, ou seja, que nas cenas é possível notar o movimentar das reproduções. As autoras, apesar de discordarem das interpretações das imagens rupestres, indicam que há cenas de lutas, caças, muitos animais, danças e sexo. Sugerem que esses inscritos nas rochas, são bem representados e com riqueza de “interpretações”, além de terem uma técnica com traço leve e seguro (Martin, 1999; Martin e Pessis, 2014).

Para nós essa “interpretação”, da existência de riqueza interpretativa, é o sinal de que podemos fazer o mesmo. Imaginamos, por exemplo, que ocorreram relações sexuais entre humanos de mesmo sexo, sem terem problemas morais, como os que ainda temos atualmente. A seguir Ian Hodder:

“Podemos considerar el registro arqueológico como un <<texto>> que hay que ler. Hay limitaciones en la idea según la cual la cultura material puede compararse a um texto y al lenguaje, ya que, como se há ido viendo, la cultura material es también práctica, tecnológica y funcional, y una gran parte de su variabilidad depende de esos factores. Incluso podemos llegar a afirmar, como lo haremos más adelante, que los significados simbólicos extraen, parcialmente, sus significados simbólicos de los significados pragmáticos, por lo que no son, en modo alguno, meros sistemas estructurados de símbolos abstractos.” (Hodder, 1994).

Últimas palavras

O nosso posicionamento como autores é o de que o diferencial do presente trabalho foi o de juntarmos as temáticas sociais e ou da sexualidade rupestre, numa mesma exposição e sequência de interpretação e análises. Imaginamos que dessa maneira nossos leitores terão uma ideia, mesmo que ainda um pouco fragmentada, do universo afetivo social e sexual pintado nas rochas do PNSC. Produções que foram ali registradas que podem atingir mais de 10 mil anos (Pessis, Cisneiros e Mutzenberg, 2013). Não sabemos, claro, se as cenas pintadas

eram executadas, ou seja, se eles praticavam o que deixaram anotado, pelos grupos humanos ocupantes da região, mas intuímos fortemente que sim!!!

Nesses escritos nos preocupamos em apresentar um aperitivo das cenas rupestres com a temática da sexualidade ou social, do que está à disposição nas rochas do PNSC. Sabemos da existência de muitas outras cenas e temas a serem abordados. Sem esquecer, evidentemente, outros tantos que existem. Muitas observações ainda devem ser realizadas junto as marcas registradas nas rochas por nossos parentes ancestrais.

Tomamos como certo que nossos ancestrais ao registrarem práticas sexuais variadas, em suas artes, demonstram que lidavam, ao que nos parece, com muita naturalidade, com os seus corpos e também com os seus afetos, por mais diferentes e diversos que fossem esses desejos e ações sexuais (Colling, Justamand, Gomes Filho e Oliveira, 2019). Mais do que tudo que a sexualidade, em todas as suas variantes, não era reprimida ou escondida, ao que nos faz indicar, pelas cenas, afinal as pinturas rupestres estavam ali para todos verem e todos tinham acesso livre (Justamand, Colling, Oliveira, Gomes Filho e Belarmino, 2019).

Lembramos, finalmente, que os sítios arqueológicos do PNSC costumam ser abertos, não precisando de esforços especiais para realizar as visitas, e são de fácil acesso, então, sugerimos, visitem o parque! Conheçam mais!

Referências

- ADOVASIO, J. M. e PAGE, J. 2011. Os primeiros americanos. Em busca do maior mistério da arqueologia. Record, Rio de Janeiro.
- ADOVASIO, J. M.; SOFFER, O. e PAGE, J. 2009. Sexo invisível. O verdadeiro papel da mulher na pré-história. Record, Rio de Janeiro.
- BLANC, C. 2010. Uma breve história do sexo. Fatos e curiosidades sobre sexo e sexualidade mais interessantes de todas as eras. Gaia, São Paulo.
- COLLING, L; JUSTAMAND, M.; GOMES FILHO, A. e OLIVEIRA, G. F. 2019. Questões queer para analisar os registros rupestres com cenas que sugerem práticas sexuais na Serra da Capivara. Revista de Arqueologia, v. 32, n. 1, p. 24-41, jun.
- DOMÍNGUES-RODRIGO, M. 2011. El origen de la atracción sexual humana. Akal, Madri.
- DUBAL, L. 2017. The art of representation of sexual intercourse. Revista Expression, Sexual imagens in prehistoric and tribal art, n. 15, março, p. 14-18.

EISLER, R. 1996. O prazer sagrado. Sexo, mito e política do corpo. Trad. Ana Luiza Dantas Borges. Rocco, Rio de Janeiro.

ETCHEVARNE, C. 1999-2000. A ocupação humana do nordeste brasileiro antes da colonização portuguesa. Revista da USP, São Paulo, n. 44, pp. 121-141, dez/fev.

GOMES FILHO, A. dos S.; JUSTAMAND, M. 2018. Registros rupestres do Parque Nacional Serra da Capivara-Piauí: breves reflexões sobre a pesquisa antropológica na educação e suas perspectivas interdisciplinares. Ciência e Sustentabilidade – CeS, Juazeiro do Norte, v. 4, n. 1, p. 39-56, jan/jun.

GOMES FILHO, A. dos S.; COLLING, L; JUSTAMAND, M.; OLIVEIRA, G. F.; BELARMINO, V. da S.; SANTOS FILHO, M. R. 2018. Nossos ancestrais ancestrais praticavam sexo? Diversidade Sexual nos registros rupestres do Parque Nacional Serra da Capivara – Piauí, Brasil. Somanlu - Revista de Estudos Amazônicos, v. 18, p. 1-13.

GUIDON, N. 1991. Peintures préhistoriques du Brésil: l'art rupestre du Piauí. Editions Recherches sur les civilisations, Paris.

GUIDON, N. 2014 a. A Fundação Museu Homem Americano e o Parque Nacional Serra da Capivara: um relato sucinto de quatro décadas de pesquisas. In: Os Biomas e as Sociedades Humanas na Pré-história da região do Parque Nacional Serra da Capivara. Anne-Marie Pessis, Niède Guidon, Gabriela Martin. A&A Comunicação, vol. A, p. 26- 44, São Paulo.

GUIDON, N. 2014 b. O Pleistoceno Superior e Holoceno Antigo no Parque Nacional Serra da Capivara e seu entorno: as ocupações humanas. In: Os Biomas e as Sociedades Humanas na Pré-história da região do Parque Nacional Serra da Capivara. Anne-Marie Pessis, Niède Guidon, Gabriela Martin. A&A Comunicação, vol. II-B, p.444-452, São Paulo.

HODDER, I. 1994. Interpretación en Arqueología: Corrientes actuales. Tradução Maria José Aubert e J.A. Editora Crítica, Barcelona.

JUSTAMAND, M. e FUNARI, P. P. A. 2014. Representações da sexualidade e dos falos: nas cenas rupestres de São Raimundo Nonato – Piauí muito antes de 1500. Revista Sodebrás, vol. 9 - Nº 99 - março, p. 53-56.

JUSTAMAND, M. e FUNARI, P. P. A. 2016. Representações das genitálias femininas e masculinas nas pinturas rupestres no Parque Nacional Serra da Capivara, PI, Brasil. Revista Anuário de Arqueologia, Rosário, vol. 8, n. 8, p. 29-44.

JUSTAMAND, M. e FUNARI, P. P. A. 2017. Sexual Scenes in Serra da Capivara Rock Art, Brazil. Revista Expression, Sexual imagens in prehistoric and tribal art, n. 15, março, p. 26-35.

JUSTAMAND, M. 2010. O Brasil desconhecido: as pinturas rupestres de São Raimundo Nonato – Piauí. Achiamé, Rio de Janeiro.

JUSTAMAND, M. 2011. Corpos em evidência: cenas corpóreas antropomorfas rupestres em São Raimundo Nonato (PI). Revista Cordis. História, Corpo e Saúde, n. 7, jul./dez., p. 219-245.

JUSTAMAND, M. 2012. Comunicar e Educar no território brasileiro: uma relação milenar. Alexa Cultural, Embu das Artes.

JUSTAMAND, M. 2014a. As rochas de livres prazeres. Revista de História da Biblioteca Nacional. Rio de Janeiro, Ano 10, n. 199, outubro.

JUSTAMAND, M. 2014b. A mulher rupestre. Representações do feminino nas cenas rupestres de São Raimundo Nonato – PI. Alexa Cultural, Embu das Artes.

JUSTAMAND, M. 2015a. Representações das genitálias (falos e vulvas) nas pinturas rupestres do Parque Nacional Serra da Capivara (Piauí, Brasil). ANAIS do XXVI Valcamonica Symposium. Prospects for the prehistoric art research. 50 years since the founding of Centro Camuno. Capo di Ponte. I Edizione multilingua, ago/set, p. 147-152.

JUSTAMAND, M. 2015b. As comunicações e as relações sociais nas pinturas rupestres. Anuario de Arqueología, Rosário, Argentina, v. 1, p. 51-65.

JUSTAMAND, M. 2018. As mulheres ancestrais. Representações do feminino nas pinturas rupestres de São Raimundo Nonato – PI. Somanlu – Revista de Estudos Amazônicos, v. 18, p. 1-23.

JUSTAMAND, M. 2019. Representações dos falos nas pinturas rupestres do Parque Nacional Serra da Capivara em São Raimundo Nonato – Piauí. In: Vagner Carvalheiro Porto. (Org.). Arqueologia hoje: tendências e debates. MAE/USP, v. 1, São Paulo, p. 549-562.

JUSTAMAND, M.; COLLING, L.; GOMES FILHO, A. S.; BELARMINO, V. da S.; SANTOS FILHO, M. R.; OLIVEIRA, G. F. 2017. Representações de práticas sexuais nos registros rupestres do Parque Nacional Serra da Capivara PNSC/PI/BRASIL. Revista Cordis – Revista Eletrônica de História Social da Cidade, v. 18, p. 274-291.

JUSTAMAND, M.; COLLING, L.; OLIVEIRA, G. F. de; GOMES FILHO, A. e BELARMINO, V. da S. 2019. Representações de relações sociais e sexuais entre pessoas do mesmo sexo nas cenas rupestres do Parque Nacional Serra da Capivara – Piauí. Revista Nordestina de História do Brasil, Cachoeira, v. 1, n. 2, jan./jun.

JUSTAMAND, M.; FUNARI, P. P. A. e ALARCÓN-JIMÉNEZ, A. 2018. Arqueologia, turismo e história e o Parque Nacional Serra da Capivara – PNSC/PI. Revista Interdisciplinar Encontro das Ciências, Icó-Ceará, v.1, n.1, pp. 01 – 15, jan/abr.

JUSTAMAND, M.; FUNARI, P. P. A. e ALARCÓN-JIMÉNEZ, A. 2016. Arqueologia da Sexualidade. Representações das genitálias femininas e masculinas nas pinturas rupestres no Parque Nacional Serra da Capivara. Alexa Cultural, Embu das Artes.

LINS, R. N. 2012. O livro do amor. Vol. 1. Da pré-história à renascença. Best Seller, Rio de Janeiro.

MARTIN, G. 1984. Amor, Violência e Solidariedade no Testemunho de Arte Rupestre Brasileira. CLIO Revista do Curso de Mestrado em História da Universidade Federal de Pernambuco, Recife, n. 6, 1984, p. 27- 37.

MARTIN, G. 1999. Pré-História do nordeste do Brasil. EdUFPE, Recife.

MELTZER, D.; ADOVASIO, J. M.; DILLEHAY, T. D. 1996. Uma visão da Toca do Boqueirão da Pedra Furada. In: Fundamentos – Revista da Fundação do Museu do Homem Americano, São Raimundo, Vol 1, nº 1, p.347-377.

MYKHAILOVA, N. 2017. Sex as transition between worlds in deer hunting society (mythology and rock art). Revista Expression, Sexual imagens in prehistoric and tribal art, n. 15, março/2017, pp. 58-68.

PESSIS, A-M. 2005. Arqueologia de gênero: teoria e fato arqueológico. Revista Clio, v. 32N1, p. 165-188.

PESSIS, A-M. 2003. *Imagens da Pré-História*. FUMDHAM, São Raimundo Nonato.

PESSIS, A-M. e MARTIN, G. 2014. Arte pré-histórica do Brasil: da técnica ao objeto. In: BARCINSKI, F. (org.). *Sobre a arte brasileira. Da pré-história aos anos 1960*. Martins Fontes e Edições SESC, São Paulo.

PESSIS, A-M.; CISNEIROS, D. MUTZENBERG, D. 2013. Identidades gráficas na arte rupestre: Parque Nacional Serra da Capivara. In: Albuquerque, Marleide Lins e Borges, Síría Emerenciana Nepomuceno (orgs.). *Identidades e diversidade cultural: Patrimônio arqueológico e antropológico do Piauí – Brasil e do Alto Ribatejo – Portugal – Coletânea*. FUNDAC – CEIPHAR/ ITM, Teresina, p.19-33.

PROUS, A. 2006. *O Brasil antes dos brasileiros. A pré-história do nosso país*. Zahar, Rio de Janeiro.

STEARNS, P. N. 2010. *História da Sexualidade*. Trad. Renato Marques. Contexto, São Paulo.

TAYLOR, T. 1997. *A pré-história do Sexo. Quatro milhões de anos de cultura sexual*. Trad. Ana Gibson. Campus, Rio de Janeiro.